

RESENHAS

THE INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF EDUCATION

Torsten Husén e T. Neville Postlethwaite (orgs.)
Oxford (Grã-Bretanha): 1995, 12 v.

A preparação desta enciclopédia recebeu a assistência de um conselho editorial extraordinário composto por catorze membros, representando países dos cinco continentes, e foi dirigida por um conselho editorial de 23 professores universitários predominantemente de fala inglesa (americanos, canadenses, britânicos, australianos). O trabalho foi completado por especialistas de cinco países europeus (Alemanha, Bélgica, Holanda, Israel, Suécia), supervisionados por duas eminentes autoridades em educação internacional: T. Husén, por longos anos impulsor da reforma escolar sueca, e N. Postlethwaite, da Associação Internacional de Avaliação da Educação (IAEE). Os mil autores de seus 1200 artigos representam 96 países.

Tal origem explica as características da enciclopédia: abrangência, representatividade de correntes teóricas e práticas, amplitude e solidez de seus estudos de arte, perspicácia na identificação de problemas, atualização em conhecimentos teóricos e experiências práticas.

A enciclopédia está organizada em torno de 22 temas educacionais gerais, cuja apresentação é feita por assunto em ordem alfabética, entre os quais os marcados com asterisco assinalam os acréscimos nesta edição:

- Educação de Adultos
- *Antropologia
- Educação Comparada
- Curriculum
- Economia da Educação
- Administração Educacional
- Avaliação da Educação

- Pesquisa Educacional
- Tecnologia Educacional
- *Educação da Mulher
- *História da Educação
- Desenvolvimento Humano
- *Psicologia da Instrução
- *Filosofia da Educação
- Política e Planejamento Escolar
- Educação Pré-escolar
- *Sociologia da Educação
- Educação Especial
- Sistemas Escolares
- Processo de Ensino
- Formação Docente
- Educação Técnica e Vocacional

Esta obra não se limita a um informe especializado sobre o ocorrido e o que está acontecendo na educação em todo o mundo. Seu grande mérito reside na ajuda para a construção da reflexão educacional, combinando abrangência, profundidade, variedade de aspectos, fontes e paradigmas. Ela busca desenvolver, aclarar e definir o estudo fundamental da educação, por sua orientação totalizadora, factual, polivalente, reflexiva e crítica.

Apesar de o domínio da língua inglesa entre os educadores latino-americanos decrescer à medida que se desce do Rio Grande até a Terra do Fogo, fora algum artigo excessivamente técnico, o que se logrou com a consulta em todos os outros aspectos compensa plenamente o esforço realizado.

Para a América Latina, reduzida à literatura original ou "seletivamente" traduzida em castelhano, esta enciclopédia permite entrar em contato com especialistas de diversos paradigmas educacionais e com práticas escolares experimentadas ou aplicadas em diversas culturas e condições socioeconômicas, permitindo averiguar o que há de comum em educação apesar das diferenças culturais, sociais e econômicas.

Possibilita igualmente comprovar de modo empírico aspectos da educação que, apesar de serem não demonstráveis porque não podem ser objeto generalizado de experimentação, podem, entretanto, ser objeto de observação.

A enciclopédia deveria estar disponível em toda biblioteca especializada em educação digna do nome. Suas referências cruzadas entre artigos, o excelente desenvolvimento de temas e tópicos e o utilíssimo último volume, que consiste numa longa lista de contribuintes, um completo índice de nomes de autores e um exaustivo índice de assuntos inteligentemente sistematizado e entrecruzado, facilita o uso de uma obra que é imensamente rica, atualizada e informativa.

Seu representante para a América Central e do Sul é: Editora Campus Ltda., R. Sete de Setembro, 111, 16º andar; CEP 20159-900, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; fone: 055- 021- 221-5340; fax: 055-021-507-1991.

M. Dino Carelli

FAMÍLIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DIVERSIDADE E MOVIMENTO

Cristina Almeida C. Filgueiras e Maria Lúcia M. Afonso
Belo Horizonte: Associação Municipal de Assistência Social (AMAS), 1995

O livro apresenta os resultados de uma pesquisa sobre famílias com crianças em Belo Horizonte, sua estrutura, dinâmica interna e relação com a sociedade. Iniciando com um *survey* com 1041 famílias em todas as faixas de renda, incluiu um estudo qualitativo com dezessete famílias de renda menor do que cinco salários mínimos e um projeto piloto de atendimento a famílias de baixa renda. A pesquisa foi encomendada pela Associação Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte (AMAS) e financiada pelo

Centro Brasileiro da Infância e da Adolescência (CBIA). O texto final da pesquisa, realizada em equipes, é de Cristina Almeida Filgueiras e Maria Lúcia M. Afonso.

As autoras retomam a discussão sobre a diversidade das formas de família tanto através da história e das culturas quanto dentro de um mesmo período e uma cultura. Tais diferenças não expressam necessariamente um "desvio" ou "modelo alternativo" ao modelo dominante de família, mas colocam em questão as diferentes maneiras de se organizar a vida privada relacionadas às condições de vida e aos valores dos grupos sociais. Na diversidade há uma riqueza de respostas possíveis mas, também, pontos de fragilidade.

A análise enfatiza um movimento interno às formas de organização da família — não apenas porque o grupo sofre modificações ao longo de "ciclos", mas também porque a diversidade implica uma transição contínua entre os tipos de família. Esse movimento se torna visível, por exemplo, quando uniões conjugais se rompem, outras se formam, parentes vêm morar no domicílio ou crianças vão morar com outros parentes. Assim evita-se uma perspectiva naturalista, que colocaria o modelo nuclear como "natural" ou "ideal", e se adota uma visão da família como instituição social sujeita a movimentos de organização-desorganização-reorganização.

Segundo essa abordagem, cada tipo de família representa uma forma de estabilização, ainda que relativamente transitória, na organização das relações da vida privada e no enfrentamento do cotidiano. Os diferentes tipos de família não são o resultado mecânico de conflitos e podem se constituir em uma forma ativa de lidar com crises, como no caso de famílias que moram juntas para facilitar a sobrevivência material ou o cuidado com as crianças. Portanto, as autoras advertem, não se deve reduzir a análise a uma "lista de formas possíveis", mas é preciso questionar